

... E comecei a correr sempre à espera que disparassem

- SOBREVIVENTES RELATAM ATAQUE DE BANDIDOS ARMADOS

A UM MACHIMBOMBO, EM INHAMBANE Domingo. 13/5/84 p.16

A camioneta da ROMOS seguia ranceira pela estrada escaldante. No interior, a lotação esgotada, como é habitual, não impedia a alegria pelo regresso a casa, de muitos, ou pelo facto de virem para Maputo, outras tantas. O barulho do motor convidava à intimidade das conversas com o companheiro de banco. Alguns dormiam, mesmo, que o balanço do veículo era convidativo. Outros, contemplavam a paisagem que corria, apressada, do outro lado da janela. De repente, os tiros. Muitos, mal os ouviram, já estavam mortos.

Hoje estamos no Centro Social dos Transportes Públicos Urbanos (TPU), em Maputo. À nossa frente, Januário Gil Mabjeqa e Francisco Mulachana Matlombe, 48 e 42 anos, respectivamente. O primeiro instrutor cultural e maestro do grupo cultural daquela empresa, o segundo, motorista e membro do grupo. Virtuosos da «makwoela», têm actuado por diferentes pontos do País.

«As balas entravam no machimbombo de ambos os lados da estrada. Logo ali foram muitos os que morreram». — diz Gil Mabjeqa, contando-nos a história, que ainda recentemente, divulgou aos que assistiram ao comício realizado no Bairro Luís Cabral, onde foram apresentados alguns dos bandidos armados capturados pelas FAM/FPLM.

Mas o drama de Gil Mabjeqa tem sido motivo de constantes conversas. Com os familiares, com os amigos, mesmo com as pessoas que não o conhecem mas ouviram falar do que com ele se passou. Outranto se passou com Francisco Matlombe, que relatou também a sua experiência no comício do Bairro da Liberdade. Desta vez esteve presente ao jornalista que assim a vai transmitir a toda a gente que lê o «Domingo».

No estreito compartimento onde fomos recebidos estão prenduradas, na parede, algumas peças de vestuário com que o grupo costuma actuar. Do outro lado da parede decorre uma reunião. Por vezes chega até nós a voz distinta que quem orienta o encontro. Fala da necessidade de resolução de certos problemas, aponta, indagada das opiniões.

O MOTORISTA NÃO PAROU

«Partimos o 29 de Dezembro do ano passado para Inhambane — começa por nos contar Gil Mabjeqa — onde iam actuar a convite do Departamento da Defesa, levando, por ocasião da festa do Fim do Ano, uma mensagem de solidariedade àquela Província».

Deste modo estiveram em Maxixe, praia do Tofo, Homoine, Morrumbene e Massinga. E o nosso interlocutor prossegue: «No dia 20 de Janeiro saímos de Maxixe, de regresso a Maputo, de onde nos ausentámos durante bastante tempo. Ainda me lembro perfeitamente — a partida foi às 8.10. No machimbombo da ROMOS vinham cerca de 65 pessoas. Estava chelo

Vinham muitos outros carros à frente. Tudo pensava em regressar a casa. Foi quando chegámos próximo de Cumbane que os bandidos armados atacaram».

Conte-nos isso em pormenor? — pedimos.

«Em pormenor não sei bem se será possível pois a confusão foi enorme. Mas tenho a certeza que eram dois grupos, cada um do seu lado da estrada. As balas estavam em rajada, partiam os vidros, furavam a chapa do machimbombo. Morreu muita gente dentro do carro, mal o ataque começou. Ouviam-se gritos de pessoas que pediam: Não nos matem aqui dentro! Outras gritavam de pavor. Tudo isto misturado com os gemidos dos

momento, os tiros quase pararam. Mas foi engano. Deviam estar a meter carregadores cheios nas armas. Os tiros voltaram. Quando o carro se imobilizou e a algazarra no interior começou a diminuir sentimos então que eles se aproximavam. Cercaram o carro e deitaram fogo à parte traseira do veículo. Foi a primeira coisa que fizemos».

Confusos, aflitos, no interior só se pensava em sair para o ar livre e a única possibilidade era pelo pára-brisas dianteiro. Gil Mabjeqa tentou a sua sorte. Mais vale morrer lá fora do que aqui dentro carbonizado — pensou e transpôs o orifício estreito que não deixava passar mais do que uma pessoa de cada vez. É ele que nos conta:



Januário Gil Mabjeqa e Francisco Mulachana Matlombe

que tinham ficado feridos».

E prossegue: «O motorista nunca parou. Foi então que os bandidos armados começaram, a disparar para as rodas da frente e sentimos que o carro perdera a direcção. Resvalou para a bermã da estrada, e virou-se e ficou ali parados».

Francisco Matlombe acrescenta: «Havia casas próximo. Em cima de uma dala estava um bandido com uma bazuca. Devia ser para destruir o carro, caso os outros não o conseguissem».

«Dois elementos do Grupo Cultural morreram dentro do carro — prossegue Gil Mabjeqa — Do nosso grupo morreram cinco pessoas e ficaram feridas duas, um com uma perna desfilta e o outro com uma bala na vista. Depois de tratado puseram-lhe um olho postiço, mas não deve ficar a ver muito bem do outro olho pois apanhou pólvora».

«MATA AQUELE DEPRESSA»

As recordações não são agradáveis, mas é necessário reviver as cenas de barbárie por que passaram. Ambos são unânimes em afirmar que, durante bastante tempo, depois do ataque, não conseguiram dormir, pensando nos feridos e nos mortos, nas manchas de sangue, nos ferros retorcidos do machimbombo, nas aparições animalísticas das feras que apareceram depois para acabarem o seu «trabalho».

Durante o ataque — destaca Matlombe — chegámos a pensar que eles tinham desistido pois, a dado

«Cá fora estava um bandido com uma arma para abater todos os sobreviventes. Só pensando em escapar nem sequer vi o comandante dos bandidos que, quando eu sai, ordenou ao outro: Mata aquele, depressa! Vi o outro apontar-me a arma e carregar o gatilho, mas não saí nenhuma bala. Eu não teria escapado. Comecei a correr, para fugir dali, sempre à espera de que comessem a disparar sobre mim. Mas não! Nada sucedeu. Atribuo isso ao facto de ele ter a arma descarregada ou então ter aparecido outra pessoa a sair».

«Quería meter-me pelo mato adentro para ver se escapava daquela mortandade. Foi então que vi aqui o meu companheiro Matlombe que me dizia para eu não ir por ali pois de certeza ia encontrar-me com mais bandidos armados. O melhor era fugir pela estrada. Assim fiz».

AFINAL O BEBÉ TINHA MORRIDO

O relato prossegue, dramático. O maestro dos TPU quase que vive novamente aqueles acontecimentos: «Recordo-me, como se estivesse ainda a ouvir, a frase que o bandido que estava cá fora, à espera que os passageiros saíssem, lá dizendo, enquanto matava os que conseguia: É bom, que é para vocês acordarem e irem dizer ao vosso pai képi que não devem andar de machimbombo».

Francisco Matlombe e o seu companheiro Gil Mabjeqa viram que quando o fogo acabou de consumir

o machimbombo os bandidos afastaram-se calmamente em direcção ao mato. «Naquela altura já não era eu. Estava muito descontrolado. Ficámos quase um mês descontrolados, sem conseguirmos dormir».

Foram pedir socorros a Cumbane e avisar do que se passara. «As nossas roupas estavam cobertas de sangue. Só tínhamos as meias, pois os sapatos saltaram, no machimbombo, quando este virou e todos nós andámos de um lado para o outro. Ficámos com a roupa suja durante um dia até que a Organização do Partido nos arranjou roupa nova».

Gil Mabjeqa prossegue: «Aquilo, durante o ataque, era um movimento só de matança. Ouvíamos, por vezes, frases soltas: Queima lá o carro! Dos que iam lá dentro não escapámos com vida mais do que 15. Todos os outros morreram. Uns ficaram carbonizados dentro da viatura, ou porque já estavam mortos ou então porque em virtude dos seus ferimentos não tinham forças para se arrastarem cá para o exterior. Outros eram abatidos a sangue frio, cá fora, pelo bandido encarregue de matar todos os sobreviventes».

Mas houve histórias dramáticas e o nosso interlocutor refere uma: «No machimbombo vinha uma senhora com duas crianças. Uma morreu logo, durante o ataque. O filho mais pequeno, bebé de colo, sobreviveu. A mãe conseguiu sair do veículo e escapar à morte que a esperava cá fora. Triste, mas ao mesmo tempo satisfeita, porque um dos filhos escapara, dirigiu-se para Cuambe em busca de protecção, como fizeram aliás todos os outros que conseguiram fugir. Quando lá chegou verificou-se que a criança de colo estava morta. Uma bala alojara-se no pescoço e talvez por a mãe a agorrar com força nem uma gota de sangue saíra».

UM MILITAR NÃO SE RENDE

Francisco Matlombe refere por seu turno, outro caso:

«No carro vinha um militar. Vinha fardado. Escapou ao ataque e depois do carro virado foi dos primeiros a tentar sair. Empunhando a pistola que trazia à cinta quis opor-se aos bandidos armados que estavam cá fora. Ainda disparou dois ou três tiros enquanto sala, mas levou uma pancada na cabeça com toda a força e ficou estendido, para sempre. Os bandidos de imediato lhe tiraram a roupa que vestiram e a arma. Este militar não se rendeu».

Um dos passageiros levou sete tiros numa perna, que posteriormente leve de ser amputada. Por vezes, ora um, ora outros dos nossos interlocutores sacode a cabeça, como que a tentar afastar más recordações. O ataque foi a pouco menos de um quilómetro de Cuambe. Segundo pensam, os bandidos visavam unicamente o machimbombo em que se deslocavam pois muitos outros carros tinham passado pouco antes e nada lhes sucedeu. «Enterrámos no local três dos

nossos companheiros. Os outros dois ficaram carbonizados». — diz Gil Mabjeqa, para quem ainda hoje é um sonho estar vivo. Aliás, a sua família chegou a ser avisada de que tinha morrido.

«Disseram à minha família que eu tinha sido raptado pelos bandidos armados. Depois, que me tinham tirado um braço e um olho. A seguir, que eu afinal tinha morrido. Não imagina a alegria dos meus quando cheguei são e salvo a casa».

Mas a verdade é que a vida não pára. Assim como não pára a luta contra os bandidos armados, até que este País possa viver em paz, como é desejo de todos. Uns lutam de armas na mão para repor a tranquilidade entre as populações. Outros lutam com as suas canções transmitindo a confiança e a determinação aos que os escutam.

O maestro do Grupo de Makwoela dos TPU é peremptório:

«A partir do dia 15 deste mês vamos começar novamente com os ensaios e, segundo tudo está previsto, as primeiras actuações decorrerão na primeira semana de Julho. Já arranámos novos elementos completamente. Desta vez vamos aumentar um pouco mais o número de participantes para que aos fins-de-semana se possa dispensar uma ou duas pessoas».

Nunca temos um fim-de-semana parado. E depois há as pessoas que adoecem. Assim vai ser mais fácil trabalhar. Nós actuamos também para os Chefes de Estado que visitam o nosso País e às vezes somos avisados à última da hora. Basta não se encontrar um ou dois para estragar tudo.

Por outro lado, se não continuássemos era fazer a vontade aos bandidos armados. Pelo contrário vamos continuar e com mais força. As nossas letras serão uma acusação constante contra esses criminosos.

Depois de salientar o apoio que têm tido por parte da administração da empresa para a reestruturação do Grupo Cultural, Gil Mabjeqa e Francisco Matlombe falarão da sua experiência durante os comícios em que foram apresentados os bandidos armados, que consideraram uma coisa sem igual, tanto pela participação popular — «eles não enganam ninguém e vê-se bem que as pessoas têm um ódio profundo aos bandidos armados» — como também por algumas coisas que os bandidos disseram. E Gil Mabjeqa exclama: «Até agora interrogava-me como era possível os bandidos armados entrarem na cidade de Maputo. Durante o comício, com o que disse o bandido que falou fiquei a compreender. Por isso devemos estar atentos, e bem atentos para que não seja possível que eles entrem. As revelações que fizeram foram muito importantes para estarmos mais vigilantes».

Eram já as despedidas. Dentro em breve voltaremos a ouvir o Grupo de Makwoela dos TPU. De certo que no seu relatório constará a trágica experiência por que passaram, numa mensagem aos moçambicanos de hoje que desejam a paz e a prosperidade.